

BOLETIM DO MEIO AMBIENTE, A CONTROVÉRSIA E OS CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS: QUAIS OS VÍNCULOS DE RISCO?

BOLETIM DO MEIO AMBIENTE, THE SOCIO-ENVIRONMENTAL CONFLICTS AND CONTROVERSY: WHAT TIES RISK?

Roseantony Rodrigues Bouhid¹
Fátima Teresa Braga Branquinho²

Resumo

As práticas pedagógicas vivenciadas na realidade escolar e os conteúdos programáticos extensos podem dificultar a promoção de discussões sobre temas atuais e controversos no ensino médio e/ou superior. Esse estudo pretende apresentar e analisar a trajetória de um periódico educacional mensal escrito por alunos e professores do Instituto Federal do Rio de Janeiro, que busca trabalhar a educação ambiental por meio da mídia impressa. Sua potencialidade se desdobra em atividades que mobilizam temas controversos e de conflitos socioambientais, vividos na atualidade, ampliados, para além da comunidade acadêmica e que inserem o público externo nos debates e nas discussões travadas.

Palavras-chave: Impresso periódico educacional. Educação ambiental. Teoria Ator-Rede. Conflitos Socioambientais.

Abstract

The Pedagogical practices experienced in the school and the the extensive syllabus can difficult to promote discussions about current issues and controversial in High School and in Higher Education. This study aims to present and analyze the trajectory of a regular monthly educational written by students and teachers of the Federal Institute of Rio de Janeiro, which seeks to address environmental education through the print and virtual media. Its potential unfolds in activities that mobilize controversial issues and environmental conflicts, experienced today, extended beyond the academic community and the general public to enter the debates and discussions.

Keywords: Printed periodic education. Environmental education. Actor-Net Theory. Social and environmental conflicts.

¹ Doutoranda do PPGMA/UERJ e professora do IFRJ - Atua no Curso de Pós-graduação em Ensino de Ciências e no Curso Técnico de Meio Ambiente

² Professora Dra. do PPGMA-UERJ

Introdução

O presente texto visa apresentar a trajetória da definição/redefinição da identidade de um boletim informativo, o Boletim do Meio Ambiente, que tem como objetivo desenvolver educação ambiental numa instituição de ensino profissional tal como é vivida e compreendida por grupos de estudantes e professores no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), do Campus Rio de Janeiro. Essa instituição de ensino oferece educação profissional técnica e tecnológica, bem como cursos de pós-graduação *lato e stricto sensu* numa estrutura multicampi.

A Teoria Ator-Rede (ANT)³ desenvolvida por Bruno Latour, Michel Callon e John Law, dentre outros antropólogos, sociólogos e engenheiros franceses e ingleses, é utilizada como suporte teórico metodológico para a pesquisa qualitativa. A ANT apresenta a ideia de rede formada por atores humanos e não-humanos que se conectam e se modificam, se recriando a cada interação. Esses atores podem ser mediadores (que modificam e agenciam) ou intermediários (que não alteram o curso da ação), o papel que cada ator vai desempenhar vai depender das articulações que mediam e da imprevisibilidade de suas relações. Um relato ANT permite que os atores humanos e não-humanos tenham voz e que a interpretação do fato venha da metafísica⁴ empírica, extraída dos próprios registros produzidos a partir do que eles dizem, sem que as explicações sociais tradicionais traduzam o que foi dito.

Latour (2004) tenta ligar o mundo à linguagem correspondente, busca uma linguagem não viciosa que trate do pólo natureza e do pólo cultura nas mesmas bases para vencer o abismo entre o mundo e a linguagem. Seu conceito de não-humanos não vem substituir o de objetos e de objetividade. Atribuindo a eles uma história, múltiplas interpretações, flexibilidade e complexidade, até então atribuídas apenas aos humanos (Latour, 2009).

Quem precisa de Educação Ambiental?

A Política Nacional de Educação Ambiental, no seu capítulo 1º, orienta que a educação ambiental promovida nas escolas deve ser integrada aos seus programas educacionais. Salienta: o seu enfoque humanista, holístico, democrático e participativo; a sua concepção pedagógica numa perspectiva inter, multi e transdisciplinar; os seus vínculos com ética, educação, trabalho e práticas sociais e o seu reconhecimento e respeito à diversidade de valores e conhecimentos. A

³ *Actor- Network Theory*

⁴ Compreende-se metafísica como a disciplina inspirada pela tradição filosófica que procura definir a estrutura básica do mundo - conceito apresentado por Bruno Latour (2012, p. 81).

lei aponta para o valor da educação ambiental na tarefa de colaborar para o equilíbrio ambiental e na construção de uma sociedade democrática brasileira

(...) uma sociedade ambientalmente equilibrada, fundada nos princípios da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade e sustentabilidade, (...) com o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade (BRASIL, 1999).

Segundo Layrargues (2004) Educação Ambiental é a expressão que conjuga a educação com práticas que visam incorporar a dimensão ambiental num contexto educativo. A incorporação de posicionamentos político-pedagógicos distintos agregam nomenclaturas que salientam concepções e práticas diferenciadas na EA como exemplo podem ser citadas a *Alfabetização Ecológica*, a *Ecopedagogia* e a *Educação Ambiental Crítica, Transformadora ou Emancipatória*. Pode-se acrescer a essas a *Educação Ambiental Militante, Popular, Pragmática, Para o Desenvolvimento Sustentável, Conservacionista e Socioambiental*. As fronteiras entre elas não são muito distintas, o que dificulta a clara diferenciação da sua aplicação. O autor considera, ainda, que “*pode estar ocorrendo um refinamento conceitual fruto do amadurecimento teórico do campo*” (ibidem, p.8).

Essa pluralidade de Educações Ambientais gera o exercício necessário de se respeitar e conviver com a diversidade ideológica, também nesse campo. Segundo Lima (2007) as escolas do Rio de Janeiro que desenvolvem atividades de educação ambiental o fazem, principalmente, por meio de projetos, que são produtos de iniciativas isoladas de professores ou de grupos de professores. Essas iniciativas podem se materializar sob a perspectiva disciplinar, como trabalhos de disciplinas, projetos interdisciplinares, bem como mediados por projetos de extensão, não disciplinares. Acreditamos que apesar dessa pluralidade de conceitos, o importante é a superação da concepção hegemônica de educação ambiental que não deixa evidente os interesses diversos e disputas que fazem parte do cenário característico do campo ambiental

[...] uma concepção de sociedade como espaço da harmonia e ausência de conflitos e interesses, com a idéia de que a sociedade como todo, ao passar pelo processo educativo voltado à questão ambiental, naturalmente passará por uma conversão em direção à sustentabilidade, como se a questão tratasse apenas de um processo de conscientização (ACCIOLY, SÀNCHEZ e LAYRARGUES, 2011, p.3).

Segundo Layrargues (2010), a questão ambiental está sendo tratada na mídia de forma reducionista, como o esgotamento dos recursos naturais, o aumento da poluição e limitação na cadeia industrial, o que traduz uma preocupação de se preservar os recursos naturais para abastecimento e uso, o que colabora para a manutenção do acúmulo de capital. Essa visão limitada é chamada de ecoeficiência (ALIER, 2007), e se materializa numa perspectiva de

modernização ecológica. Não inclui a distribuição de riscos ambientais, a vulnerabilização de grupos e a justiça ambiental no cerne da questão (ACSERALD, 2012). Dessa forma, o desenvolvimento das desigualdades sociais e de grupos minoritários, que se prevalecem dos recursos ambientais, é favorecido.

Como é possível formar pessoas que articulem meio ambiente com riscos, interesses, pobreza, política e leis? Como pensar em democracia com desigualdade ambiental? O meio ambiente equilibrado vem sendo tratado como bem comum e direito de todos? Podemos ignorar as injustiças ambientais? As reportagens veiculadas pela mídia, muitas vezes desvinculadas de interesses políticos e econômicos, podem ser utilizadas e tratadas nas salas de aula como fonte de informação neutra? Quem precisa de educação ambiental, os estudantes, professores, funcionários de empresas, ribeirinhos, quilombolas e/ou os empresários que buscam lucros abusivos? Acreditamos que toda pergunta já contém a sua resposta.

Segundo Acserald (2012) a desigualdade ambiental é provocada pela desigualdade social existente historicamente no país. A distribuição dos riscos ambientais não é uniforme entre ricos e pobres, estando esses mais expostos e vulneráveis à enchentes, deslocamentos de terra, à doenças provocadas por falta de saneamento e associadas à poluição, devido à localização das suas residências e às privatizações do uso dos recursos como água, ar e solos.

Algumas atividades responsáveis pelos conflitos são a monocultura, os setores turísticos e imobiliários que buscam territórios para expansão expulsando populações no campo para áreas menos atrativas, a fim de construção de paraísos ecológicos. Na área urbana o objetivo é a construção de residências, afastando a população para áreas menos nobres e mais vulneráveis à ação de enchentes ou deslocamentos de terra. A atuação de entidades governamentais são, em parte, responsáveis pelo agravamento dos conflitos principalmente pela sua omissão, pela ineficiência da justiça e pela atuação precária do poder público.

Periódicos Educacionais

A produção de periódicos educacionais é uma das poucas estratégias capazes de dar voz aos estudantes de diferentes níveis de ensino na tradução de como se processa a relação ensino/aprendizagem/família/escola na vida vivida e, ainda possui a potencialidade de manter essa memória como um registro histórico. Esses periódicos podem assumir a forma de jornais, boletins ou revistas e se configuram como espaços de intervenção da comunidade escolar (WERLE, BRITO e NIENOV, 2007). A autonomia na criação e publicação dos próprios textos confere momentos de protagonismo e liberdade de expressão a quem escreve e pode até atuar

como potencial transformador, pois parte de uma lógica não legitimada pelo cientificismo, com suas regras vigentes de submissão e publicação de artigos, como editoração, avaliação e creditação por pares.

Não é objetivo desse trabalho fazer juízo de valor das rotinas de pesquisa e das regras instauradas para as publicações do meio acadêmico, mas sim apresentar o caso de um projeto de pesquisa com raízes na extensão e que tem sua potencialidade na liberdade de expressão em um veículo de comunicação, sem que contudo, esse procedimento provoque o desrespeito à princípios éticos e morais. Parafraseando Lacaz, Passos e Louzada (2013, p.213)

A pesquisa atrelada às práticas qualitativas, que valorizam a realidade vivida, escapa às formatações prontas e possibilita a mistura do pesquisador com o campo e com o objeto de pesquisa, incluindo no trabalho final as incertezas, fragilidades e desvios.

Trajetória da Pesquisa

Para a descrição da trajetória de formação do Boletim do Meio Ambiente foi realizada uma pesquisa documental (MARCONI e LAKATOS, 2009, p.177), bem como rodadas de discussão sobre a produção do periódico com a presença da equipe e de professores convidados. Essas discussões foram gravadas e transcritas. Foram consultados os trabalhos publicados nas Jornadas de Iniciação Científica do IFRJ, os relatórios de pesquisa e os exemplares do Boletim do Meio Ambiente de arquivos particulares e públicos. Pretende-se apresentar o impresso periódico educacional fundamentado nos critérios de relatos ANT (LATOUR, 2012), bem como, levar em conta o movimento dos humanos e não-humanos (LATOUR, 2009) que fazem parte da história do Boletim do Meio Ambiente.

O projeto foi submetido pela primeira vez em 2007 e contou com uma aluna de IC, que produziu duas edições em 2008. Os objetivos iniciais se concentravam em criar um ambiente de divulgação científica e de eventos, que contribuísse para a promoção de boas práticas ambientais e para a integração dos alunos e professores da área ambiental da unidade Rio de Janeiro do então Cefet-Química de Nilópolis, esse período foi anterior à lei que transformou os Cefets em institutos federais. Segundo um aluno que participava da rodada de conversas sobre a produção do Boletim, *lí os artigos daquele período, eles eram muito simplificados e tratavam principalmente da reciclagem e do consumismo* (Diário de Campo, IFRJ, 05/08/2013).

Em 2008 o projeto contou com uma bolsista de IC que produziu sete exemplares e conseguiu atribuir alguma periodicidade ao informativo. Os objetivos do projeto não foram modificados e buscava-se, também, investigar a aceitação desse ambiente de comunicação por parte dos alunos e professores dos cursos favorecidos com a distribuição das 50 cópias

xerografadas. Observou-se que a maioria dos pesquisados acreditava ser necessário existir um boletim no IFRJ que concentrasse informações sobre a área ambiental, apresentasse os trabalhos realizados e produzidos internamente e que levantasse questões atualizadas para discussões, mas não gostariam de participar com artigos. Uma das pesquisadoras do grupo de pesquisa NEDIC⁵ presente na rodada de conversas sobre a produção do Boletim de Meio Ambiente relatou que participou de uma atividade cultural apoiada pelo boletim que foi apresentada na Semana da Cultura do campus Rio de Janeiro

professora A: (...) Foi produzida uma peça teatral encenada por professores do grupo de pesquisa e com colaboração dos alunos do Curso de Especialização Lato Sensu em Ensino de Ciências. O auditório estava cheio e o público gostou bastante da iniciativa que buscou abordar o tema plásticos. Os alunos da especialização se envolveram bem e foi ótimo termos desenvolvido esse tipo de atividade. (...) Professora B: Até hoje eu não saio de um mercado sem conseguir caixas de papelão para levar as minhas coisas... Aluno A: (...) Então continuava educação ambiental pragmática nesse período. (Diário de Campo, IFRJ, 05/10/2013).

A continuidade do projeto em 2009 e 2010 consolidou a periodicidade mensal do boletim que modificou seu layout que era uma folha A4 frente e verso e passou a ser produzido com o tamanho A5. A participação de duas alunas de IC, sendo uma delas do Curso Técnico de Meio Ambiente e a outra do Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental, favoreceu o incremento do número de artigos, bem como de páginas. O aluno A explica: *as meninas contaram que nesse período os boletins eram entregues de sala em sala. Sabiam qual sala gostava do boletim e estava lendo, pois não viam exemplares abandonados nas carteiras* (Diário de Campo, IFRJ, 19/08/2013).

No ano de 2009 e 2010, os objetivos do projeto foram, além de levantar material empírico para a análise do próprio espaço construído como mediador do processo da busca pela cidadania, também unir e divulgar trabalhos de diversos setores da escola que atuavam na área ambiental para promover uma integração entre os grupos distintos e discutir sobre questões de relevância tais como: poluição, políticas e leis, o problema do consumismo, descarte do lixo, materiais recicláveis, incentivando-se a multiplicação de boas práticas ambientais em um ambiente de extensão.

Nesse ano foram realizados os projetos temáticos “Lixo Eletrônico” e “Papel” apoiados pelo NEDIC. Foram produzidas edições especiais do boletim com esses temas. Foram propiciadas atividades nas salas de aula com turmas de nível técnico, superior e de pós-graduação lato sensu, além do desenvolvimento de peças teatrais com essas temáticas. As peças foram

⁵ O grupo de pesquisa Núcleo de Ensino e Divulgação das Ciências, ao qual os professores orientadores do projeto que fomenta as atividades do Boletim do Meio Ambiente estão ligados

encenadas por professores e alunos e apresentadas nas semanas acadêmicas do campus Rio de Janeiro.

Aluna D: Lembro que após o desenvolvimento dos projetos temáticos havia uma preocupação maior com os temas abordados. A professora A completou: alguns professores comentaram que seus alunos cobravam que parte do material xerocado, que era distribuído nas aulas, poderia ser disponibilizado por e-mail para as turmas, para que fosse evitado o gasto de papel. Cobraram também que esses professores usassem o verso do papel, eles passaram a ter que justificar quando não usavam o verso... Aluna D: O próprio boletim foi questionado pois nesse período a tiragem passou a ser de 150 cópias e alguns leitores, ao receber o boletim, recriminavam o uso do papel. Tivemos que diminuir as margens, reduzir a tiragem e incentivar a leitura no blog! (Diário de Campo, 19/08/2013).

Nesse período foi criado o *Blog* boletimmedioambiente.blogspot.com que destinava espaço para a publicação dos boletins mensais e para sua armazenagem. A aluna C acredita que *a criação do blog colaborou para a expansão do público-alvo* (Diário de Campo, IFRJ, 05/10/2013).

No ano de 2011 houve um incremento da equipe que passou a contar com duas bolsistas do Curso Superior de Gestão Ambiental e com alunos voluntários dos cursos técnicos de meio ambiente e biotecnologia, além da colaboração das ex-alunas bolsistas dos anos anteriores. O número de participantes chegou a 7 alunos e 2 professores.

Segundo a aluna E, houve um upgrade na equipe! Isso favoreceu a ampliação da tiragem, a divulgação do trabalho em eventos científicos, a ampliação das discussões e fortalecimento da própria equipe. Alguns alunos eram mais questionadoras e o desenvolvimento do tema "Água e Energia" foi diferente dos anteriores pois incluía a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte e a discussão sobre as grandes construções no país. Apesar de nem todos na equipe pensarem do mesmo jeito, todo mundo participou da peça e da edição especial do Boletim... (Diário de Campo, IFRJ, 05/06/2013).

A partir das discussões travadas nas reuniões da equipe do Boletim, os bolsistas e voluntários se animaram para participar de evento que abordava os conceitos de justiça ambiental, vulnerabilidade e conflitos socioambientais.

Em 2012 o Boletim era distribuído no IFRJ/Campus Rio de Janeiro e em algumas escolas e associações estudantis na sua forma impressa, com uma tiragem de 200 cópias mensais. Os temas Agronegócio, Alimentação, Justiça e Racismo Ambiental, Eleições, Belo Monte, Conflito na Aldeia Maracanã, Reforma Agrária, Política Habitacional, Reforma Urbana, Enchentes, A quem pertence o meio ambiente?, Mercado Verde e Consumismo, Manifestações Populares, dentre outros, foram abordados em textos que problematizaram o capitalismo fóssil, a matriz energética nacional, as construções de novas hidrelétricas, o consumismo e a mídia.

A partir da controvérsia e dos conflitos socioambientais presentes nesses artigos, integrantes do grupo passaram a apresentar o boletim como um espaço *contra-hegemônico* e buscaram, em algumas publicações dar voz aos grupos atingidos nos conflitos apresentados.

Professores relataram para os participantes da equipe que os assuntos desenvolvidos estavam sendo aproveitados como temas de redações e em trabalhos acadêmicos. Professores e alunos buscavam mais informações com os integrantes da equipe, que se tornou conhecida como participante do "jornal crítico". O aluno A acredita que

Os bolsistas de iniciação científica e voluntários participantes da equipe começaram a ter opiniões divergentes em relação à identidade do Boletim. Enquanto alguns o posicionavam como *espaço contra-hegemônico*, outros acreditavam que o foco ambiental estava ficando de lado e passaram a introduzir artigos com os temas Captura de Carbono, Bisfenol A, Escurecimento Global e Resíduos Sólidos.

Aluna F: Eu acredito que a gente tenha que trabalhar um pouco na educação ambiental pragmática na escola para que gere a discussão com o outro...alguém que tenha um senso crítico um pouco maior vai perceber que coleta seletiva, economia de recursos são processos mitigadores, que a discussão é maior! A aluna B completou: Só que a gente não consegue mais ficar no campo pragmático, sem perceber... a gente está sempre procurando a controvérsia, o conflito nos temas que trabalhamos. Aluna E: eu acho que estamos muito agressivos nas edições, podíamos abordar as questões de uma maneira diferente...(Diário de Campo, IFRJ, 05/10/2013).

Considerações Finais:

A trajetória de construção e reconstrução da identidade de um boletim informativo, o Boletim do Meio Ambiente, passa pela equipe que participa da sua elaboração mensal, pela escolha dos temas que serão abordados nas edições, pelo momento histórico vivido, pelas leituras escolhidas para colaborar na escrita dos artigos, bem como pela discussão de qual educação ambiental está sendo construída nesse espaço que está ligado à uma instituição de ensino profissional, ao IFRJ.

O relato da experiência vivida evidencia a dificuldade de estabelecer um impresso periódico educacional que apresente as controvérsias e os conflitos que são produzidos pelos interesses diversos que circundam a área ambiental. Não é evidente que o campo ambiental não é consensual, e sim uma arena de disputas e controvérsias. Nas primeiras edições os artigos se mantinham na perspectiva da ecoeficiência. Alcançar a dimensão conflituosa foi um processo que envolveu tempo, estrutura, discussões em equipe e leituras diversificadas.

Observou-se que dentre as principais dificuldades para a implementação do informativo encontram-se o estabelecimento de uma equipe, a divulgação do trabalho e ultrapassar o preconceito por um trabalho que introduz a crítica e os conflitos socioambientais em um ambiente de formação técnica profissional.

Os relatos ANT valorizam o que os atores dizem e dessa forma, a inquietação quanto ao futuro do Boletim está presente no artigo publicado na edição de agosto de 2013

Aluno A: No artigo Democracia e mídias alternativas - (...) Assim como a Mídia Ninja, canais alternativos se espalham pelo país. São opiniões vindas de becos, vielas, guetos e dos campos. Vozes que não possuíam espaço na "grande mídia". São vários coletivos que se formam para produzir uma documentação jornalística sob a perspectiva do oprimido, do silenciado, de quem nunca teve oportunidade de se expressar. (...) Em outra dimensão é esse o papel que o Boletim do Meio Ambiente tenta exercer ao propor um jornal, uma mídia, como projeto de Iniciação Científica dentro de uma instituição de visão extremamente tecnicista e positivista - o IFRJ. Um periódico que além de tratar sobre meio ambiente, aborda a questão política da problemática ambiental (...). Quando o Boletim escolheu, ou melhor, se encontrou dentro de um pensamento contra hegemônico, ocupou uma função contestatória dentro do ambiente em que ele surgiu. (...) Acredito que ao menos um germe foi implantado com um simples projeto de IC, mas de alcance político-ideológico maior que sua capacidade de apreensão. Num momento em que as mídias alternativas estão no caminho rumo a democratização, vale pensar e repensar qual será o comportamento de uma mídia imersa na realidade antidemocrática e alienada de uma instituição de ensino e pesquisa: irá se juntar aos seus pares e deixará escapar a oportunidade de avançar em sua luta? (BOLETIM DO MEIO AMBIENTE, agosto/2013, p.7)

Agradecimentos:

À equipe multidisciplinar do grupo de pesquisa Núcleo de Pesquisa em Ensino e Divulgação de Ciências – NEDIC.

Às estudantes Ana Elisa de Freitas Martinho, Mariana Luz, Larissa Relva e Érica Lopes que participam da equipe do Boletim do Meio Ambiente e colaboraram no levantamento do material empírico.

Ao CNPq e ao IFRJ.

Referências

ACCIOLY, I. B., SÀNCHEZ, C. e LAYRARGUES, P. P. **Anti-ecologismo no Congresso Nacional: o meio ambiente representado na câmara dos deputados e no senado federal.** VI Encontro “Pesquisa em Educação Ambiental” A Pesquisa em Educação Ambiental e a Pós-Graduação no Brasil, Ribeirão Preto, setembro de 2011.

ACSERALD, H. **Justiça Ambiental – novas articulações entre meio ambiente e democracia.** Disponível em:

<http://www.fase.org.br/projetos/clientes/noar/noar/UserFiles/17/File/JANovasArticulacoes-%20ms.pdf> Acessado em: 05 de janeiro de 2012.

ALIER, J.M. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração.** Trad. Mauricio Waldman. São Paulo: Contexto, 2007.

BRASIL, Lei número 9.795 de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Coleção de Leis do Brasil, Brasília, Vol. 4, p. 1831, 1999.

LAYRARGUES, P.P. **Apresentação: (Re)Conhecendo a educação ambiental brasileira.** In: Identidades da Educação Ambiental Brasileira. MMA/DEA. Philippe Pomier Layrargues (coord.). Brasília: MMA, p. 7-12, 2004.

LAYRARGUES, P. P. **Identidades da Educação Ambiental: Descobrimos que somos diferentes. saberemos conviver com isso?** In: VI Fórum Brasileiro de Educação Ambiental: Participação, Cidadania e Educação Ambiental. Declev Reynier Dib-Ferreira, Jaqueline Guerreiro (Organizadores). Niterói: Instituto Baía de Guanabara, p. 34-38, 2010.

LACAZ, A., PASSOS, P., LOUZADA, W. **Pesquisadora ou militante? Análises do pesquisar (sobre)implicação.** Mnemosine Vol.9, nº1, p. 212-223, 2013

LATOUR, B. Políticas da Natureza: como fazer ciência na democracia. Tradução de Carlos Aurélio Mota de Souza. Bauru, SP: EDUSC, 412 p., 2004.

LATOUR, B. Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Editora 34, 2ª edição, São Paulo, 2009

LIMA, J.G.S. **O que fazem as escolas que fazem educação ambiental no Rio de Janeiro? Uma análise da pesquisa realizada pelo MEC/UFRJ/Anped à luz da teorização curricular.** In: 30a Reunião da Anped, 2007, Caxambú - MG. Anais da 30a Reunião Anual da Anped, p.1-18, 2007.

MAIA, A. e SERAFIM, S. Análise da Teoria Ator-Rede (TAR) e sua relação com os paradigmas de relações públicas. Contemporânea. Ed. 17, V. 09, Nº 01, 2011.